
Santidade Sem Altar: A Cultura do Bumba-Meu-Boi a Mdiatização em Torno de São Marçal¹

Antonio Jorlan Soares de ABREU²
Universidade de Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão sobre cultura, religião e midiatização, tendo a comunicação e religião como área de atuação. Sua importância se faz a partir da curiosidade de festejar um padroeiro sem altar, sem igreja. Este trabalho apresenta inicialmente o que motivou sua construção, tendo o mestrado como inferência de abertura, mais adiante contextualiza a cultura do São João no Nordeste bem como o processo de midiatização das manifestações populares, as manifestações folclóricas de bumba-meu-boi e a elitização do boi e fechando com a apresentação de São Marçal, o santo padroeiro dos boieiros que não possui igreja. A metodologia utilizada foi a etnografia e a bibliografia. Como resultado indicam processos de hibridização, cultura, religião e mídia.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; igreja; midiatização; religião; são marçal.

1. INTRODUÇÃO

O que me leva a apresentar este trabalho é em primeiro plano a satisfação de poder ler, escrever e dialogar a respeito de algo que tenho prazer em aprender, e em segunda instância as memórias da infância que me remetem ao círculo religioso e as brincadeiras em volta da fogueira no período junino, o que diretamente me conduziu a realizar o trabalho de graduação fisgado pela temática logo no primeiro mês de aula, resultando em uma escrita e diálogo com autores que mostravam mais do que eu poderia imaginar a princípio e agora movido pelo desempenho da construção científica que me traz as leituras do mestrado e os desafios para a dissertação onde retomo a esta ambiência e procuro ampliar a discussão, mas sobretudo a curiosidade que deixei guardada a respeito de uma estátua que a princípio pensei se tratar do Papa João Paulo II, devido as vestimentas, e que fui informado que era de São Marçal.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Ciências da Comunicação da UNISINOS, Especialista em Marketing Estratégico (FAMA), Graduado em Administração (FACIMP), e-mail: antonio.abreu@ifma.edu.br.

As apropriações de informações de quem se tratava, pois até aquele momento não tinha conhecimento. Como resposta eu tinha uma avenida com o mesmo nome e que naquele referido local todo dia 30 de junho ocorre o grande encontro de bois, o fechamento do mês das festas juninas, nada mais que isso.

Há, portanto, aí o desejo e o desafio ao mesmo tempo, a dualidade de apropriar-se dos dados e a contiguidade da exposição das ideias em textos para que seja de fácil interpretação e que desperte o prazer da leitura em descobrir algo novo, talvez seja a disputa que transita em minha mente. Apresentar o santo tão festejado pela cultura maranhense, mais especificamente pelos ludovicenses³ no período do São João, que é considerado a festa mais popular do Nordeste do Brasil, que é São Marçal.

Temos então na Ilha de São Luís e nas cidades circunvizinhas, denominadas de baixada maranhense, a cultura do Bumba-meu-boi⁴, uma manifestação cultural que tem sua origem surgida de festividades portuguesa. O mês de junho é muito aguardado pelos nordestinos, as festas ocorrem durante todo o mês junino e ao longo do tempo passou a configurar também no mês de julho, ganhando a denominação de festa julina, este prolongamento da festa surgiu para atender em especial o turista que se encontra de férias.

Nesta festividade temos a riqueza na diversidade de cores e a alegria é projetada para saudar os santos do mês de junho, com uma variedade de comidas típicas representando a fartura e os bons frutos colhidos sob a proteção da religiosidade. A menção ao nome da festa e as fogueiras vem de João Batista, conforme tradição cristã, que segundo a Igreja Católica uma fogueira foi acesa para indicar o nascimento de João Batista à Maria, mãe de Jesus.

Este rito passou a ser compartilhado como forma de comunicação entre as duas primas, Maria e Isabel. Na região nordeste do Brasil, preserva-se ainda nos lugares mais tradicionais, acender uma fogueira na frente de cada casa nas noites que se comemora o santo do dia. Nos centros maiores, mais populosos a tradição continuou e ganhou ares de grande festividade, se comemora, portanto, Santo Antonio (Santo Casamenteiro), São João (o Anunciador), São Pedro e São Paulo (Padroeiro dos Pescadores, Chefe da Igreja, Pilares da Igreja), mas e São Marçal?, irei dialogar sobre ele mais adiante.

³ Ludovicense: aquele que nasce em São Luís do Maranhão.

⁴ Em São Luís do Maranhão, a manifestação cultural denominada bumba-meu-boi é popularmente conhecida também pelos termos: bumba-boi ou boi. Para tanto neste trabalho irei utilizar estas denominações para me referir a esses grupos pois são os mais conhecidos e apreciados pelos brincantes de boi.

Ao longo dos anos a valorização da cultura das festas de São João trouxe ao Nordeste a possibilidade de grandes retornos financeiros, apostando no turismo religioso e cultural, o que ganhou apoio tanto de órgãos governamentais como da iniciativa privada, a festa religiosa comungando com o capitalismo midiático, uma espécie de comunhão entre o sagrado e o profano.

Neste cenário sai ganhando a cidade com um volume maior de pessoas que consomem o que é produzido ali e com isso aquece toda uma cadeia de abastecimento, ganha a cultura pois amplia seu número de conhecedores/apreciadores, e se mantêm acesso os hábitos das tradições seculares religiosas.

Em detrimento desta festança e todo o aporte financeiro empregado, com a produção de *spot*, cartazes, *outdoors*, promoções, a presença de bandas e cantores tradicionais e em evidência, as confecções de fantasias, adereços e etc. costuma-se dizer que o faturamento no São João do Nordeste corresponde ao décimo quarto salário para os trabalhadores e comerciantes.

A cultura do brincante do São João mesmo tendo a mesma temática, possui particularidades que as transformam em atrativos ímpares, o que quebra o pensamento de quem acreditava em uma “homogeneização cultural”. Para Stuart Hall (1998, p.77-78), “a globalização explora a diferenciação local”, estabelecendo novas formas de fazer, de criar. Mas também preserva e recria sob a lógica de mercado e das sociedades de consumo, como bem afirmou Sanches (2003, p.24).

Se buscarmos compreender a cultura como algo pronto, podemos cair em equívocos, pois como disse Sanchis (2018, p.17-18), as abelhas desde que nascem sabem realizar o seu trabalho de forma organizada e coletiva, fazem seu mel e sua colmeia da mesma forma, não houve uma evolução. No entanto o ser humano não nasce programado.

E graças a liberdade de não programação somos capazes de aprimorar, porém, não possuímos a aptidão de sobreviver sozinhos nos primeiros anos de vida. O que nos conduz a absorção de vários hábitos, costumes e culturas, que por conseguinte sofrem transformações, as duas primeiras podem desprender-se com facilidade já a cultural revela identidade, e Canclini (2015, p.283) então nos questiona: Como analisar as manifestações que não cabem no culto ou no popular, que brotam de seus cruzamentos ou em suas margens? .

E aqui torno proveitoso a oportunidade para fazer inferências quanto ao modelo de cultura de folguedos⁵ existente em São Luís do Maranhão i) sua peculiaridade em relação aos outros estados no mesmo período festivo e ii) a forma como se apresenta e a inserção de culto à mais uma representatividade religiosa que não está presente em nenhum outro estado da federação, que é São Marçal, o qual discorrei mais à frente.

2. O SÃO JOÃO NO NORDESTE

A região nordeste do Brasil é composta por nove estados, que se apresentam em ordem de norte a sul da seguinte forma: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. No período correspondente ao mês de junho é aguardado com grande expectativa para a realização de uma das maiores manifestações culturais folclóricas, monta-se os arraiais, os grupos de danças e preparam-se grandes quantidades de guloseimas, em sua maioria derivados do milho, que serão apreciados durante as festas de Santo Antonio, São João e São Pedro, tradição religiosa católica.

Estas festas, sucederam dos festejos aos santos do mês de junho, criam-se os grupos de danças que além de diversão também participam de competições, o comércio formal e informal tem seu grande momento de faturamento. Duas grandes cidades próximas (Campina Grande e Caruaru), pertencentes a estados distintos, Paraíba e Pernambuco respectivamente, disputam anualmente o título de maior São João do Nordeste, a cada ano as atrações musicais tentam aproximar o maior número de visitantes, esta disputa entre cidades é outro fator de grande impulso econômico.

2.1 A midiaticização das manifestações populares

O São João se tornou tão vantajoso e despertou grandes interesses, e como diria McLuhan (2007, p.21) “Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais o meio é a mensagem”. E transformou o meio popular como mensagem a ser valorizada através da grande mídia de massa. Ainda parafraseando-o ele afirma que sem a luz elétrica poderiam objetar-se, mas que não poderiam existir sem ela. E o leitor pode se perguntar, mas qual a ligação da eletricidade com o texto apresentado?.

⁵ Folguedo: dança dramática, encenada.

O que a luz elétrica trouxe de tão especial? Para McLuhan a evolução a partir da eletricidade é fato. É informação pura. Além de prolongar os dias, quebrando a barreira do dia e noite, do levantar-se e do recolher com base na luminosidade natural, protelou as ações que podem ser desenvolvidas e proporcionou o avanço da comunicação, através do rádio, TV, telefone e mais recentemente a internet.

Isto significa que propagar as culturas populares tornou-se um caminho sem volta e intermitente uma “corrente contínua”, e inserir no contexto a religião não se trataria de heresia, mas de aproximar as comunidades da nova forma de comunicação que agora se vivencia. Martin-Barbero (2009, p.148) registra que “O processo de enculturação não foi em nenhum momento um processo de pura repressão. Já desde o século XVII vemos pôr-se em marcha uma produção de cultura cujos destinatários são as classes populares”.

Esta possibilidade de enculturação é mais evidente e acelerada com a eletricidade. E desta forma, diante da evolução dos meios de midiatização que hoje contamos com a presença de vários grupos culturais, mostrando sua identidade, suas características “É esse “jeito de ser gente”, relativamente diferente de grupo para grupo que constitui a “cultura” de cada um. (SANCHIS, 2018 p.19).

Retomando a discussão para o Estado do Maranhão, percebe-se que como nos demais locais as mídias sociais realizam um trabalho de proficuidade. E hoje a facilidade de que qualquer pessoa pode realizar uma gravação ou uma *live*⁶ e colocar em visualização para dezenas de milhares de pessoas, a tecnologia avançou de tal forma que não precisamos aguardar em casa que uma emissora de TV vá até determinado local, realize as filmagens, depois leve-as para a emissora, faça a edição e posteriormente divulgue-as. Podemos nos fazer presente e apresentar ao demais em tempo real os fatos e acontecimentos.

Diante disso a cultura mostra sua identidade e sua forma de preparo, seus ensaios, construções e seus preparativos, o popular através do popular nos meios midiatizados.

2.2 As manifestações folclóricas do bumba-meu-boi

Os grupos de danças de bumba-boi é uma forma alegre de festejar o São João no Maranhão, ao invés das danças de quadrilha no terreiro⁷ de casa, os ludovicenses encenam

⁶ Live: transmissão ao vivo através de um aparelho de smartphone onde pessoas conectadas a você terão acesso instantâneo.

⁷ Terreiro: largo ao ar livre, À porta das residências, onde se realizam folguedos, cantos e outras festas populares.

o auto da Catirina, que segundo a lenda um casal de escravos que trabalhavam em uma fazenda, a esposa (Catirina) estando grávida desejou comer a língua do boi que pertencia ao seu patrão. O esposo de Catirina mesmo temendo contra sua vida resolve atender ao desejo da mulher, o amo descobre e convoca médicos, curandeiros e pajés para salvar o novilho. Os feiticeiros da floresta conseguem ressuscitar o boi, desta feita, homem e novilho estão salvos e uma grande festa é realizada. (O IMPARCIAL Jornal Online, 2017 s/p)

Em poucas palavras esta é uma das versões mais conhecidas da lenda do bumba-meu-boi do Maranhão e compõe o cancionário maranhense desde o século 18.

Esta representação ao longo do tempo colocou os brincantes do boi entre as belas formas de agradecer aos santos do mês junino pelas graças alcançadas, a metodologia da crença e da forma como era inicialmente desenvolvida a festa assemelha-se em muito a festa de Santo Reis, folclore também muito prestigiado em algumas cidades interioranas do Brasil.

Os brincantes do boi saíam em comitivas nos terreiros para realizar a encenação, compõe o figurino uma carcaça em formato de boi, todo revestido de pano de chita, fitas, lantejoulas, imagem de Santo Antonio, São Pedro e São João Menino segurando um carneiro, o miolo do boi⁸, a Catirina, Pai Francisco, Vaqueiro, Dono da Fazenda, Músicos, Índios, Índias e Caboclos, Burrinho e Cazumba⁹. Além dos instrumentos: maracá, tamborinho, tambor de onça, zabumba, tambor de fogo e matraca¹⁰.

Os grupos mais tradicionais procuram preservar a essência dos primeiros brincantes, mas foi inevitável frear as mudanças na composição dos grupos que se elitizaram, para atrair turistas e investimentos e melhor apresentar-se aos santos homenageados.

⁸ Miolo do boi: é um homem que fica debaixo da carcaça decorada para realizar a dança do boi na encenação.

⁹ Cazumba: Não está presente em todos os grupos de bumba. É um personagem divertido, mas que pode também ser assustador. Ele veste batas coloridas e usa máscara.

¹⁰ Matraca: instrumento de madeira, toca-se batendo uma contra a outra.

Figura 1 – Reprodução do Boi, presente nas festas juninas que ocorrem por toda a Ilha de São Luís do Maranhão



Fonte: Território do Brincar¹¹

Figura 2 – Reprodução do (Caboclo) Brincante do Boi, presente nas festas juninas que ocorrem por toda a Ilha de São Luís do Maranhão



Fonte: Território do Brincar¹²

2.3 A elitização do boi

Como não poderia deixar de ser diferente das demais formas de cultura, os grupos que se apresentavam apenas com matracas, maracás e zabumba, considerados como bois de matraca, passaram por uma evolução e hoje tem-se o boi de orquestra, este com uma estrutura de brincantes voltadas para espetáculos, não para uma simples apresentação. Este comportamento idiossincrático ocorreu para atender um novo público, principalmente o turista, a estratégia é bem mais comercial, não apenas por gostar dos grupos de bois, do que religiosa e poder festejar o São João e agradecer as bem-aventuranças.

¹¹ Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/biblioteca-cat/olhares-brasil/bumba-meu-boi-sao-marcal/>

¹² Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/biblioteca-cat/olhares-brasil/bumba-meu-boi-sao-marcal/>

A incorporação dos bens folclóricos a circuitos comerciais, que costuma ser analisada como se seus únicos efeitos fossem homogeneizar os formatos e dissolver as características locais, mostra que a expansão do mercado necessita ocupar-se também dos setores que resistem ao consumo uniforme ou encontram dificuldades para participar dele. Com esse fim, diversifica-se a produção e são utilizados os traçados tradicionais, o artesanato e a música folclórica, que continuam atraindo os indígenas, camponeses, as massas de migrantes e novos grupos, como intelectuais, estudantes e artistas. Através das diversas motivações de cada setor – afirmar sua identidade, marcar uma definição política nacional – popular ou a distinção de um gosto refinado com enraizamento tradicional – essa ampliação do mercado contribui para expandir o folclore. (CANCLINI, 2015, p.216-217)

Foi exatamente o que ocorreu na configuração cultural do bumba-meu-boi no Maranhão, grandes companhias de danças, assim agora intituladas, e não mais um simples grupo de boi realizam grandes apresentações tanto na capital quanto no continente¹³ e outros estados da federação.

Há uma concorrência na exposição, na qualidade dos dançarinos, na performance, mas preservam o ritmo, procuram ser fiéis ao estilo de música e a coreografia, porém mais elaborada.

Procuram nas indumentárias preservar a tradição, aliado a exposição de corpos, a maquiagem e preparação física que persiste durante o ano todo. Criam páginas nas redes sociais para manter um contato mais próximo com os demais brincantes e apreciadores da festividade, fazem *live* dos ensaios de coreografia e fotografia e demonstram a maquiagem.

Elevar ao nível da elite, seria a etimologia da palavra. É interessante ressaltar também aqui, que não era pensamento uníssono da elite a depreciação as danças de boi, no entanto os que detinham maior influência dentre a fina flor apresentavam críticas aquele estilo de cultura e os demais puxavam o coro para o apagamento da manifestação cultural no centro da cidade, local onde residiam as grandes famílias.

Os que simpatizavam com a festança apreciavam bem distantes e contidos, a mudança no percurso de construção ocorre quando a proibição deixa de existir e dar-se-á o início da reconfiguração no ano de 1939, conforme estudos de Abmalena Santos apresentados no Jornal O Imparcial (2018, s/p), a pesquisadora afirma que nesta data pela primeira vez um grupo dançou dentro da cidade, no bairro hoje conhecido como Monte Castelo, e outro momento significativo também citado por Santos quando da apresentação

¹³ Continente: cidades, municípios que ficam fora, afastadas, distantes da capital do Estado.

do grupo de Boi da Maioba na sede do governo estadual, o Palácio dos Leões, na visita do então presidente João Goulart.

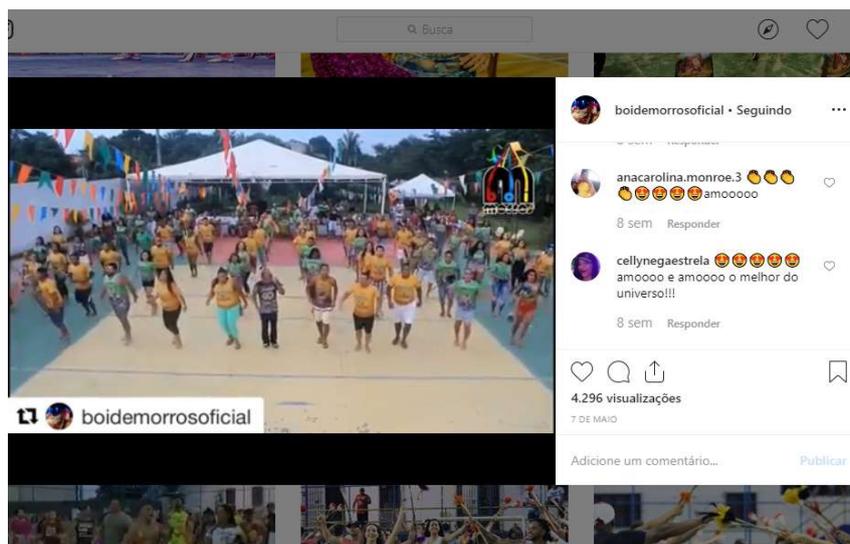
Estes dois momentos introdutórios, mesmo que equidistantes certamente foram fatores de devir para uma elite conservadora. No entanto, somente na década de 1980, a festa ganhou a forma que tem hoje. (COMPLEXO CULTURAL DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO, 2011, p.196).

Figura 3 – Reprodução da Maquiagem da (Índia) Brincante do Boi, presente nas festas juninas que ocorrem por toda a Ilha de São Luís do Maranhão



Fonte: Página no Instagram: boidemorrosocial¹⁴

Figura 4 – Reprodução do Ensaio Coreografado (Companhia Boi de Morros) Brincante do Boi, presente nas festas juninas que ocorrem por toda a Ilha de São Luís do Maranhão



Fonte: Página no Instagram: boidemorrosocial¹⁵

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/boidemorrosocial/?hl=pt-br>

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/boidemorrosocial/?hl=pt-br>

Estas alterações de comportamento cultural são resultados da eletricidade, assim certamente afirmaria McLuhan, mas Santaella (2002, p.54) comenta que “De fato, a cultura midiática propicia a circulação mais fluida e as articulações mais complexas dos níveis, gêneros e formas de cultura produzindo o cruzamento de suas identidades”.

3 SÃO MARÇAL: o padroeiro dos boieiros que não possui Igreja

São Marçal no Maranhão é considerado o padroeiro dos brincantes de boi, suas homenagens são realizadas todo dia 30 de junho, o que culmina com o encerramento do mês junino e congregam a participação de todos os grupos de bois presentes na Ilha de São Luís do Maranhão. O fato mais curioso é que São Marçal ou Marçal de Limoges, Marcial de Limoges, como também é conhecido, de acordo com o Dicionário do frei Poel (2013, p.354) “Não é um santo reconhecido pela Igreja, porém é venerado pelos brincantes de bumba-meu-boi”.

Poucos são os relatos a respeito do Santo protetor dos boieiros e padroeiro dos bombeiros, as lendas medievais o incluem como um dos companheiros de São Pedro e que por ele foi batizado aos 15 anos de idade por ordem do Messias e esteve em momentos como o Lava Pés (segurando a toalha) para Jesus Cristo (POEL, 2013).

Em São Luís foi erguida uma estátua com 5 metros de altura, no bairro do João Paulo, local onde acontece a concentração dos brincantes de boi como encerramento da festa, a avenida onde está erguida a estátua também teve seu nome alterado de João Pessoa para São Marçal, após a sanção da lei que alterou o nome da avenida a prefeitura também atribuiu à Festa de São Marçal, conforme Lei Municipal de Nº 4.626/06.

O Jornal O Imparcial (2018 s/p) descreve que a festa de São Marçal surgiu após a proibição dos grupos de bois seguirem para a área do Centro da cidade, pois a elite não apreciava a movimentação daquela cultura que considerava ser própria de negros, e que a presença destes contribuiria para a desordem. Desta feita, os bois iam até o Areal, onde hoje é o bairro do Monte Castelo.

Em meados da década de 1960, houve uma mudança, com a qual veio a permissão para que pudessem brincar o boi em toda a Ilha de São Luís, o que popularizou a cultura caindo nas graças de quem visita a capital, de governantes, personalidades de gosto refinado, o que culminou com a abertura de secretarias de turismo e cultura com editais de fomento à cultura popular e posteriormente recebendo apoio financeiro também da iniciativa privada.

Mesmo não possuindo um altar dentro de uma capela, a cidade de São Luís juntamente com seus brincantes de bois, reverberam a amplitude que o santo possui para sua cultura e identidade.

Os meios midiáticos retomam constantemente o processo de ascensão imagética de São Marçal, não dando amplitude ao fato do não reconhecimento por parte da Igreja Católica ou de não ter um templo para adoração, pois acentuadamente toda a extensão da avenida que leva o nome de seu padroeiro é espaço para celebração e culto.

Figura 5 – Estátua de São Marçal no Bairro do João Paulo em São Luís do Maranhão



Fonte: Paulo Soares/Jornal O Estado¹⁶

O deslocamento da cultura do restrito, dos pequenos grupos para um processo midiático promove um caminho que de acordo com McLuhan sairia do Meio Quente para o Meio Frio.

Ao analisar o hibridismo cultura x religião x midiática encontro o que para alguns seria a propagação do profano, a quebra das regras. Neste trabalho aqui apresento o registro da quebra da obediência, quando vejo que o culto à uma personalidade não reconhecida oficialmente pela Igreja Católica, mas está contido dentro das suas festividades religiosas, perante um dos maiores eventos representativos da cultura popular permanece firme e ainda lhes oferecem grandes homenagens.

¹⁶ Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2017/06/30/festa-de-sao-marcal-acontece-no-joao-paulo/>

Assim, compreendo e comungo com Martin-Barbero (2009, p.111) que “Um último avanço na “revisão” da ideia sobre o popular nos estudos históricos é o proporcionado pela tematização do gosto, da sensibilidade e da estética”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos perceber, portanto, é um processo claro de hibridismo ou sincretismo, fazendo uso de um termo bem próximo da discussão apresentada. Onde cultura popular, religião e mídia consegue congratular-se sem provocar desequilíbrios que possam ferir um ou outro.

A cultura popular do São João no Nordeste brasileiro é de fato intensa e instigadora para o desenvolvimento de pesquisas que versam sobre o assunto, o próprio reisado citado sutilmente neste trabalho é uma outra demonstração de caráter folclórico religioso que possui singularidades em cada estado e as vezes dentro do próprio estado tem variações que o torna peculiar.

A identificação da presença do processo midiático interferindo diretamente no contexto social, neste trabalho ele ressoa como processo amalgamador. Reverberando além dos ritos religiosos e culturais o fator econômico e financeiro.

O processo de elitização discutido no trabalho acredito que sempre terá seus prós e contras, como qualquer situação de mudança, de saída de uma zona de conforto.

Em suma, o que fica evidente é que mesmo o fato de não possui um templo/capela/igreja seja o suficiente para tirar o crédito concedido por aclamação popular, ainda mais quando a ideia é de festejar, de agradecer.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. 7. reimp. – São Paulo: Edusp, 2015.
- COMPLEXO CULTURAL DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: IPHAN/MA, 2011.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

O IMPARCIAL. Bumba-Meu-Boi. Entenda a história da lenda de Catirina e Pai Francisco. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2017/06/entenda-historia-da-lenda-de-catirina-e-pai-francisco/> Acesso em: 06 jul. 2019.

POEL. Francisco van der. Dicionário da Religiosidade Popular. Curitiba/PR: Ed. Nossa Cultura, 2013.

SANCHES, Abmalena Santos. O Universo do Boi da Ilha: um olhar sobre o bumba-meu-boi em São Luís do Maranhão. Recife: UFPE, 2003. Dissertação de Mestrado em Antropologia. 192p.

SANCHIS, Pierre. Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. Cultura Midiática. In. Mídia, Cultura, Comunicação. Org. BALOGH, Anna Maria.; ADAMI, Antonio.; DROGUETT, Juan.; CARDOSO, Haydeé Dourado de Faria. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.